

5. A Galáxia de Gutenberg

(Excertos)¹

Marshall McLuhan

1. Da Cultura Acústica à Cultura Visual

A interiorização da tecnologia do alfabeto fonético faz passar o homem do mundo mágico do ouvido para o mundo indiferente da visão.

J. C. Carothers publicou na revista Psychiatry (Novembro, 1959) um artigo intitulado "Cultura, Psiquiatria e Mundo da Escrita" em que estabeleceu um contraste entre primitivos não alfabetizados e primitivos alfabetizados e entre analfabetos e o homem ocidental médio:

¹ Os excertos que a seguir se apresentam estão tematicamente organizados em 5 conjuntos, cada qual com um sub-título por nós atribuído. Pretende-se deste modo reduzir as dificuldades de acesso a um conjunto de fragmentos extraídos de uma obra cuja estrutura, já de si fragmentária, recorre sistematicamente a um método de reenvio múltiplo, de colagem das mais díspares e variadas citações. Trata-se de um regime "em mosaico" que M. McLuhan elege de forma explícita e teoricamente sustentada e da qual retira inegáveis efeitos sugestivos.

"Em consequência do tipo de influências educativas que recebe durante a infância, e mesmo durante toda a sua vida, o africano é levado a considerar-se como uma parte insignificante de um organismo mais vasto - a família e o clã - e não como um indivíduo independente e confiante em si mesmo. Não há qualquer papel para a iniciativa pessoal e para a ambição e o indivíduo é incapaz de alcançar uma integração significativa da sua experiência pessoal. Contrariamente às restrições do plano intelectual, existe uma grande liberdade no plano temperamental esperando-se que o homem viva muito mais no "aqui e agora", que seja muito extrovertido e que exprima livremente os seus sentimentos"².

Em suma, a ideia que fazemos do "primitivo livre de inibições" não tem em conta a inibição total, e mesmo a supressão da vida mental e pessoal, inerente ao universo dos analfabetos:

"Enquanto uma criança ocidental é constantemente posta em presença de jogos de construção, torneiras, chaves e fechaduras, uma multidão de objectos e circunstâncias que a obrigam a pensar em termos de relações espaço-temporais e causalidades mecânicas, a criança africana recebe uma educação quase exclusivamente fundada na palavra e relativamente carregada de dramatismo e emoção"³.

Quer isto dizer que uma criança ocidental, proveniente de que meio for, está rodeada por uma tecnologia visual explícita, na qual o tempo e o espaço são uniformes e contínuos, as causas são eficientes e sequenciais, os objectos existem e movem-se num único plano e de forma sucessiva. Por seu lado, a criança africana vive no mundo implícito e mágico da palavra oral que ressoa. Mundo em que não encontra causas eficientes mas causas formais de um mosaico de configurações que é o de todas as sociedades primitivas. Carothers repete inúmeras vezes que "os africanos rurais vivem, em grande medida, num universo sonoro - universo carregado de significação pessoal directa para aquele que escuta - enquanto o homem ocidental vive predominantemente num mundo visual que, no seu conjunto, lhe é indiferente". Uma vez que o universo acústico é um mundo quente e violentamente hiperestésico e que o universo visual é relativamente

²*Psychiatry* (Novembro, 1959), p. 308.

³ *Ibid*, p. 308.

indiferente e neutro, o homem ocidental aparece, aos povos de cultura acústica, como um ser muito frio.

Carothers estuda também o fenómeno tipicamente analfabético conhecido pelo "poder das palavras", crença segundo a qual o pensamento e a conduta são influenciados pelo impacto mágico das palavras e pelo poder que elas têm de impôr o seu conteúdo de forma implacável. Ao falar das incantações eróticas dos Kikuyus, cita Kenyatta:

"É muito importante aprender o uso correcto das palavras e as suas entoações justas porque o sucesso da magia depende efectivamente da ordem ritual em que as palavras são pronunciadas... Enquanto realiza os gestos da magia erótica, o celebrante deve recitar uma fórmula mágica... Depois da recitação, proclama em voz alta o nome da mulher e dirige-se a ela *como se ela o pudesse ouvir*".

Tudo repousa sobre "a ordem ritual de palavras rituais justas" para retomar a expressão de Joyce. Ora, hoje, a criança ocidental cresce de novo nessa espécie de universo mágico da repetição que a publicidade radiofónica e televisiva ressuscitou.

Carothers pergunta-se em seguida como é que a alfabetização de uma sociedade faz desaparecer a ideia de que as palavras são forças naturais que ressoam, vivas e activas, passando a pensá-las como "significado mental".

"Creio que só quando a escrita, e mais ainda a imprensa, fizeram a sua aparição em cena é que se criaram condições para que o verbo perdesse o seu poder mágico e a sua invulnerabilidade. Porque razão?

Num artigo já antigo sobre Africa, defendi que as populações rurais analfabetas vivem sobretudo num universo de sonoridades, contrariamente aos europeus do Oeste que vivem num mundo em grande parte visual. De uma certa maneira, os sons constituem elementos dinâmicos ou, pelo menos, assinalam a existência de elementos dinâmicos: movimentos, acontecimentos e actividades face aos quais o homem, vulnerável como é aos perigos de vida na estepe ou na savana, deve estar em alerta constante... Na Europa ocidental onde o homem se habitua, ou tem que se habituar, a não ligar importância a esse tipo de elementos os sons perdem quase totalmente essa significação. Enquanto que para o europeu, de um modo geral, "ver é crer", para o africano rural a realidade parece residir muito mais naquilo que é escutado e dito... Na verdade, é-se levado a acreditar que, para a maior parte dos africanos, a vista é mais um instrumento

da vontade do que um órgão de recepção e que o principal órgão de recepção é o ouvido" ⁴.

Carothers afirma que o ocidental depende, em larga escala, da forma espaço-temporal das relações sem a qual é impossível ter-se o sentimento "mecanicista" das relações causais, tão necessário à ordem da vida. Foi com base numa fundamentação muito diferente da vida perceptiva dos primitivos que Carothers foi levado a interrogar-se sobre qual o papel da escrita na transformação dos modos de percepção acústicos em visuais:

"Uma vez escritas, as palavras tornam-se, evidentemente, parte integrante do mundo visual. Como a maior parte dos elementos do mundo visual, tornam-se entidades estáticas e, enquanto tal, perdem o dinamismo que caracteriza o mundo do ouvido em geral e, mais particularmente, da palavra enunciada. As palavras perdem então uma grande parte do seu carácter pessoal no sentido em que uma palavra escutada é uma palavra que, com muita frequência, nos é dirigida, contrariamente ao que acontece com a palavra lida que, conforme os casos, pode ou não ser lida ao mesmo tempo em que está a ser ditada. As palavras perdem a carga e a força emotiva descrita por Monrad-Krohn, entre outros... Em consequência disso, quando se tornam entidades visíveis, as palavras passam para um mundo relativamente indiferente àquele que o vê - um mundo do qual o poder mágico das palavras foi afastado"⁵. (pp.18-20)

A escrita, por si mesma, não possui essa capacidade particular de destribalizar o homem que é inerente à tecnologia alfabética. Dotados de um alfabeto fonético que permite abstrair das sonoridades as significações e traduzir o som num código visual, os homens enfrentaram uma experiência que os transformou. Nenhuma escrita pictográfica, ideográfica ou hieroglífica tem o poder destribalizante do alfabeto fonético. Nenhum outro tipo de escrita para lá da escrita fonética consegue arrancar o homem desse universo de total interdependência e interrelação que caracteriza o sistema auditivo. No espaço acústico e verbal, enquanto mundo de ressonância mágica no qual as relações são todas simultâneas, há uma única via de acesso para a

⁴ *Ibid*, p. 310.

⁵ *Ibid*, p. 311.

liberdade e independência do homem destribalizado - o alfabeto fonético. (p.22)

Só o alfabeto fonético provoca uma ruptura entre a vista e o ouvido, entre a significação semântica e a codificação visual. Por consequência, só a escrita fonética possui o poder de fazer o homem passar do estado primitivo à civilização, de lhe dar olhos para os ouvidos. A cultura chinesa é infinitamente mais refinada e mais perceptiva que a ocidental. Mas não deixa de ser verdade que os Chineses são um povo tribal, um povo de ouvido. Torna-se pois necessário deixar de usar tecnicamente a palavra "*civilização*" para definir o homem destribalizado cujos pensamento e acção são predominantemente organizados pelos valores visuais. (p. 27)

2. O Analfabeto e o Cinema

Sem um bom treino, os analfabetos são incapazes de ver fotografias ou cinema.

Como o que pretendemos é elucidar os efeitos reais da escrita fonética sobre a aquisição de novos modos de percepção, vamos ver o que nos diz o professor John Wilson, do Instituto de Estudos Africanos da Universidade de Londres, num artigo intitulado "*Film Literacy in Africa*" (*Canadian Communications*, Vol. I, nº 4 (1961), pp. 7-14). Para os membros de sociedades alfabetizadas é difícil perceber porque razão os analfabetos são incapazes de ver em três dimensões ou em perspectiva. Presumimos que se trata de um modo de visão natural e que não é necessário qualquer espécie de treino para ver fotografias

ou filmes. As experiências de Wilson ocorreram quando este professor tentava utilizar o cinema para ensinar os indígenas a ler.

"Os factos seguintes são extremamente interessantes. Um inspector do serviço sanitário tinha feito um filme, de ritmo extremamente lento, que tinha por objectivo mostrar o que um habitante normal de uma aldeia africana primitiva devia fazer para eliminar as águas estagnadas - secar as fossas, retirar as caixas de conserva vazias para as deitar fora, e assim por diante. Mostrámos este filme a uma audiência e, em seguida, perguntámos o que tinham visto. Responderam-nos que tinham visto uma galinha, uma ave de caça. Acontece porém que nós não tínhamos consciência que, no filme, aparecia esse animal! Pusémo-nos então a prescrutar escrupulosamente cada imagem do filme à procura da ave: ela estava lá, efectivamente, atravessando um canto da imagem no espaço de um segundo. Alguém a deve ter assustado e a galinha atravessou o canto inferior direito da imagem. E era apenas isso que os indígenas haviam visto. Não tinham retido nada do que o inspector lhes tinha querido mostrar e, em compensação, tinham reparado num pormenor insignificante cuja existência desconhecíamos até termos prescrutado minuciosamente o filme. Porquê? Formulámos todas as espécies de teorias. Talvez que a velocidade da ave os tivesse impressionado, tanto mais que todo o filme era muito lento. As pessoas deslocavam-se com extrema lentidão, tiravam uma lata de conservas e mostravam o que se devia fazer com ela. Para os nossos espectadores, a ave era aparentemente a única parcela de realidade. Havia também a possibilidade de o animal ter para os indígenas uma qualquer significação religiosa, mas não acreditávamos muito nisso.

Pergunta: Pode descrever com maior precisão a cena em questão?

Wilson : Certamente. Um empregado dos serviços de higiene avança muito lentamente. Vendo uma lata de conservas que continha água, segura nela, vira-a, esvazia-a cuidadosamente sobre o chão de forma a que este seque por completo para que nenhum mosquito aí se pudesse reproduzir e, em seguida, lança a caixa num cesto transportado por um burro. Queria-se com isto mostrar de que modo nos devemos desembaraçar dos detritos. Parecia um desses homens que percorrem os parques munidos de uma cana com um ferro espetado e que juntam papeis velhos e os põem num saco. O filme tinha sido rodado com extrema lentidão para mostrar bem a importância de eliminar tudo o que podia servir de lugar de reprodução para mosquitos. As caixas eram todas retiradas e enterradas de forma a nos assegurarmos que não ficava nenhuma água estagnada dentro delas. O filme durava aproximadamente cinco minutos e a galinha atravessava a cena no espaço de um segundo.

Pergunta: Quer você dizer que, quando falou com a audiência foi levado a acreditar que, de facto, os espectadores pareciam ter visto apenas a galinha ?

Wilson : Perguntámos-lhes muito simplesmente: o que viram neste filme ?

Pergunta: Não o que pensaram deste filme ?

Wilson: Não. Perguntámos-lhes o que viram ?

Pergunta : A quantos espectadores fizeram essa pergunta?

Wilson : A cerca de trinta.

Pergunta : Ninguém vos deu outra resposta senão "vimos uma galinha"?

Wilson : Não. Essa era a primeira resposta; espontaneamente, as pessoas diziam: "Vimos uma galinha "

Pergunta : Mas também viam um homem, não?

Wilson: Bem! à medida que lhes continuávamos a fazer perguntas, disseram que tinham visto um homem, mas o importante é que não apreenderam nada do que lhes queríamos mostrar. Descobrimos depois

que não tinham visto um único plano de conjunto. O que tinham feito era inspecionado a imagem à procura de detalhes. Mais tarde, um artista e especialista da vista disse-nos que, numa audiência evoluída, que tem o hábito de ver cinema, os espectadores focam um plano situado um pouco antes do ecran de forma a ver a imagem no seu conjunto. Deste ponto de vista, uma imagem é uma convenção. Primeiramente, é preciso ver a imagem na sua totalidade, o que aquelas pessoas, que não tinham o hábito do cinema, não faziam. O que faziam era prescrutar rapidamente cada parte da imagem, como o raio catódico de uma câmara de televisão. Parece que é isso que fazem os olhos que não têm o hábito de ver cinema, varrer cada imagem. Ora, apesar da técnica extremamente lenta com que o filme foi rodado, as pessoas não tinham tempo de varrer toda a imagem antes que a seguinte lhe sucedesse.

Os factos mais importantes encontram-se no fim desta citação. A alfabetização dá às pessoas o poder de focar ligeiramente aquém da imagem, de forma a apreendê-la no seu todo, de um só golpe de vista. Os analfabetos, não tendo adquirido este hábito, não veêm os objectos como nós os vemos. Varrem os objectos e as imagens com o olhar, um pouco como nós percorremos uma página impressa, linha por linha. O seu ponto de observação não é exterior. Estão inteiramente dentro do objecto, entram nele de forma extremamente enfática. Os olhos não trabalham em perspectiva mas, por assim dizer, de forma quase táctil. Não possuem qualquer noção de espaço euclidiano pois que este é fruto da diferenciação entre as percepções visuais, tácteis e sonoras. (pp. 36-37)

Diante de um filme, o espectador africano é incapaz de adoptar, como nós fazemos, o papel de consumidor passivo.

Um público alfabetizado aceita sem reservas, diante de um livro ou de um filme, adoptar o papel passivo de consumidor. Pelo contrário, o público africano não recebeu o treino necessário para acompanhar em silêncio, cada um consigo mesmo, o desenrolar da narrativa.

Trata-se de um fenómeno importante. Um público africano não assiste em silêncio, sem participar. Gosta de participar no espectáculo e a pessoa que exhibe o filme e faz os comentários deve fazer prova de maleabilidade, estimular o auditório e provocar reacções. Se há uma cena em que um personagem canta, é necessário cantar a canção e convidar o público a fazer o mesmo. Durante a filmagem, tem que ser tida em conta essa participação de modo a torná-la possível. Os comentadores têm que ser instruídos em elevado grau, tanto sobre a significação do filme, como sobre a forma de o apresentar a diversos públicos. Os comentadores seriam africanos mestres-escola a quem seria dado um treino especial.

No entanto, um primitivo do Ghana, mesmo habituado ao cinema, é incapaz de ver um filme sobre os Nigerianos. Não consegue generalizar a sua experiência de um filme para outro: está por demais envolvido em cada uma das experiências que vive. Este envolvimento empático, próprio das sociedades orais e dos homens com cultura auditiva-táctil, desaparece sob os efeitos do alfabeto fonético que abstrai a componente visual do complexo sensorial. (pp.38-39)

3. O livro e a leitura

A tipografia não ocupa senão uma fracção da história depois da invenção do alfabeto .

Até agora tratámos apenas do poder que tem a escrita para transformar ou traduzir o espaço acústico-táctil do homem iletrado e "sacral" no espaço visual do homem civilizado, quer dizer,

alfabetizado e "profano". Uma vez realizada esta transferência ou metamorfose, o mundo dos livros não tardará a fazer a sua aparição, quer sob forma escribal ou impressa. De agora em diante, é o livro manuscrito ou tipografado, e os seus efeitos sobre o conhecimento e a sociedade, que irão constituir o nosso objecto de estudo. Do século V antes da nossa era até ao século XV, o livro foi apenas um produto escribal. A tipografia data da última terça parte da história do livro no mundo ocidental. Não é pois descabido dizer, como G.S. Brett diz em "*Psychology Ancient and Modern*":

"A ideia de que o conhecimento se adquire essencialmente nos livros é muito recente, provavelmente decorrente da distinção medieval entre o clérigo e o laico. (p.74)

Na Antiguidade e na Idade Média ler era necessariamente ler em voz alta

"Podemos dizer, sem exagero, que com Aristóteles, os Gregos passaram do ensinamento oral à leitura" escreve Frederick G. Kenyon em "*Books and Readers in Ancient Greece and Rome*". Apesar de tudo, durante séculos ainda, "ler" será ler em voz alta. Na verdade, só muito recentemente é que os especialistas da leitura rápida estabeleceram, de uma vez por todas, que os movimentos dos olhos, durante a leitura, não devem ser necessariamente acompanhados de movimentos da boca. Descobriu-se que os movimentos que a laringe realiza durante a leitura constituem a principal causa da lentidão da leitura. Só gradualmente o leitor médio aprendeu a guardar silêncio e mesmo a invenção da imprensa não conseguiu impôr o silêncio a todos os leitores. Temos ainda hoje tendência para identificar os murmúrios e os movimentos dos lábios com falta de instrução, o que, sobretudo na América, contribuiu para valorizar uma aproximação puramente visual à leitura, logo desde o ensino elementar. (p. 82-83)

A sala de leitura da Idade Média era na realidade um gabinete de canto.

Chaytor, no seu *From Script to Print* (p. 19), foi o primeiro a perguntar-se porque é que os monges, na Idade Média, não liam senão em pequenas salas ou celas reservadas a este uso ou ao canto:

"Porquê esta procura da intimidade em instituições cujos habitantes viviam segundo a regra comunitária? Pela mesma razão que a sala de leitura do British Museum não está dividida em compartimentos insonorizados. O hábito de ler em silêncio tornou inúteis esses requisitos. Mas se as salas de leitura estivessem cheias de leitores do género dos medievais, o balbuciar, o sussurrar e os murmúrios tornar-se-iam intoleráveis.

Os editores de textos medievais deviam conceder mais atenção a estes detalhes. Quando um copista moderno retira o seu olhar do manuscrito para transcrever uma determinada frase, guarda no seu espírito uma imagem visual do que acabou de ler. Na Idade Média, a recordação que o escriba guardava era uma recordação acústica e, muito provavelmente, apenas de uma palavra de cada vez"

É inquietante constatar que as cabines telefónicas modernas comportam um outro elemento medieval: o livro de consulta preso com uma corrente. Na Rússia, país de cultura oral até há pouco tempo, não há anuários telefónicos: cada um deve memorizar as informações de que necessita, o que é ainda mais medieval do que prender os livros com correntes. Na realidade, a memorização não apresentava quaisquer dificuldades para os estudantes antes da imprensa e menos ainda para os analfabetos. Os indígenas espantam-se muitas vezes com a atitude dos professores que os ensinam a ler e perguntam-lhes: "Porque é que escrevem? Não sois capazes de vos recordar?"

Ninguém antes de Chaytor tinha explicado porque é que a imprensa esbate tanto a memória, e porque é que os manuscritos não o fazem:

"A imprensa fez diminuir a nossa memória: sabemos que é inútil "ocupar a memória" com coisas que podemos encontrar retirando

um livro da estante de uma biblioteca. Quando uma grande parte da população é iletrada e quando os livros são raros, a memória tem muitas vezes uma vivacidade que os europeus desconhecem totalmente. Na Índia, os estudantes são capazes de aprender de cor um livro de texto e de o reproduzir, palavra a palavra, na sala de exame; os textos sagrados permaneceram intactos apenas por intermédio da transmissão oral. "Podemos garantir que, se todos os exemplares impressos e manuscritos do Rig-Veda se perdessem, poderíamos reconstruir o texto com uma precisão absoluta". Ora, trata-se de um texto tão longo como em conjunto a *Ilíada* e a *Odisseia*. Do mesmo modo, a poesia oral russa e jugoslava é recitada por menestres que dão provas de grande capacidade tanto de memorização como de improvisação". (pp.92-93)

É à luz desta análise da escrita na Idade Média que podemos compreender melhor a opinião de S. Tomás de Aquino para quem os grandes Mestres, que foram Sócrates e Cristo, não quiseram confiar os seus ensinamentos à escrita. Na 42ª Questão da terceira parte da *Summa Teológica* (quer dizer, Manual de Teologia), S. Tomás de Aquino coloca a seguinte questão : "Utrum Christus debuerit doctrinam suam scripto tradere?"⁶ Tomás de Aquino recusa a ideia que leva a considerar o aluno como uma página em branco que pudesse ser preenchida, uma *tabula rasa*. E escreve:

"Respondo afirmando que é natural que Cristo não tenha confiado os seus ensinamentos à escrita. Em primeiro lugar, em virtude da sua dignidade; porque, quanto mais o mestre é perfeito, mais a sua maneira de ensinar deve ser perfeita. E, por consequência, era conveniente que Cristo, que era o mais perfeito dos mestres, adoptasse o método de ensino pelo qual a sua doutrina seria impressa no coração dos seus auditores. É por essa razão que é dito em S. Mateus (VII, 29): "Ele ensinava enquanto homem de autoridade...". É também por essa razão que, mesmo entre os pagãos, Pitágoras e Sócrates, que foram mestres excelentes, nada quiseram escrever". (p. 98)

Acessível a todos os estudantes, o livro impresso era um novo instrumento visual que desclassificava os antigos métodos de educação. Era literalmente uma máquina de ensinar, ao contrário do manuscrito que não foi senão um utensílio grosseiro.

Se tivesse havido especialistas de análise e avaliação dos media, dos meios de informação e de comunicação e dos diversos utensílios pedagógicos hoje disponíveis, os administradores escolares

⁶ "Porque é que Cristo não passou a escrito as suas doutrinas?". Em latim no original (N.T.).

do século XVI, inquietos, ter-se-iam encarregado de determinar se o novo utensílio que o livro era então podia cumprir plenamente a sua missão educativa. O livro impresso, pessoal e facilmente transportável, poderia substituir aquilo que cada um devia fazer pela sua própria mão e memorizar •à medida que o fazia ? Um livro que poderia ser lido rapidamente, em silêncio, poderia substituir os que se lêem lentamente, em voz alta? Os estudantes que se servissem desses novos livros impressos poder-se-iam comparar aos oradores e aos dialécticos formados na escola do manuscrito? Se fossem utilizadas as técnicas hoje disponíveis para avaliar os efeitos da rádio, do cinema e da televisão, os analistas acabariam certamente por pronunciar o seguinte veredicto: "Pois bem! Por mais estranho e repugnante que a coisa vos pareça, a nova máquina de ensinar permite aos estudantes aprender tanto quanto o que antes aprendiam. Além disso, os estudantes parecem ter mais confiança neste novo método como podendo dar-lhes os meios necessários à aquisição de conhecimentos novos de todas as espécies". (pp.144-145)

Pierre Ramus tinha toda a razão em atribuir uma absoluta importância ao livro impresso como instrumento da escola. Na verdade, não é senão na escola que o poder homogeneizante do novo *medium* podia marcar verdadeiramente os homens desde a infância. Os estudantes moldados pela tecnologia da imprensa iam poder traduzir em novos termos lineares visuais todos os grandes problemas e experiências. Uma sociedade nacionalista, decidida a pôr a totalidade da sua mão de obra ao serviço da produção, do comércio e da economia iria dar-se conta, mesmo sem grande perspicácia, que este género de educação devia ser obrigatória. Os contingentes de mão de obra tornam-se praticamente inutilizáveis sem um sistema universal de instrução. Napoleão teve sérias dificuldades em fazer com que os camponeses e os iletrados

marchassem a passo e em os obrigar a fazer exercício: foi forçado a atá-los com correntes de 18 polegadas de comprimento para os fazer adquirir o necessário sentido da precisão, da uniformidade e da repetibilidade. (p. 146)

5. A Imprensa e o Homem Tipográfico

A diferença entre o homem da imprensa e o homem de cultura escrital é quase tão grande como a que separa os letrados dos analfabetos. Os elementos constitutivos da tecnologia gutenberguiana não eram novos mas a sua reunião, no século XV, produziu uma aceleração da actividade social e pessoal equivalente a uma "deslocagem", no sentido que W.W. Rostow dá a este conceito em "*The Stages of Economic Growth*": "esse período decisivo da história de uma sociedade em que o progresso se transforma no seu estado normal".(p. 90)

Eis agora um frio Saxão, William Cobett, que dá conta, em A Year's Residence in America (1795), do espanto que sente diante do homem novo que a cultura da imprensa fez aparecer:

"Há poucos Americanos de nascença que sejam verdadeiramente *ignorantes*. Todos os rendeiros são, em menor ou maior grau, *leitores*. Não há *pronuncias* rurais nem *dialectos regionais*. Não existe uma classe como aquela a que os franceses chamam *campesinato*, designação degradante que os indignos agentes do Tesouro aplicam, de alguns anos a esta parte, à grande massa das pessoas úteis de Inglaterra que trabalham e vão à guerra. Quanto aos homens que formariam *naturalmente* o círculo dos vossos conhecimentos, no seu conjunto, são tão amáveis, francos e razoáveis como os de Inglaterra, por mais cuidadosamente que sejam escolhidos. Estão bem informados, são modestos sem serem tímidos, sempre prontos a comunicar o que sabem

e jamais demasiado orgulhosos para não reconhecerem aquilo que lhes falta aprender. Não se ouvem *vangloriar-se* do que possuem, nem *queixar-se* do que lhes falta. São *leitores* desde o nascimento e há poucos assuntos, tanto de natureza política como científica, de que não possam conversar conosco. De qualquer modo, *escutam* sempre com paciência. Não me lembro de ter ouvido um Americano de nascença interromper outra pessoa enquanto ela falava. Os seus modos *tranquilos*, a sua *calma*, a forma *reflectida* com que dizem e fazem todas as coisas, a *lentidão* e *reserva* com que exprimem o seu acordo, tudo me parece ser erradamente considerado como *falta de sensibilidade*. É verdade que seria necessária uma odisseia de desgraças para conseguir extrair lágrimas de um Americano. Mas, perante qualquer história inventada, o americano puxa facilmente dos seus trocos, como o podem testemunhar as embaixadas de mendigos de França, de Itália e da Alemanha.

No entanto, fica-se perplexo perante a ausência de *vivacidade* e a falta do *tom cortante* que caracteriza a língua inglesa. A voz *forte*, o pulso *sólido*, o acordo ou desacordo *espontâneos*, a alegria *barulhenta*, as recriminações *acerbas*, a amizade *ardente*, a inimizade *mortal*, o amor que leva as pessoas a *suicidar-se*, o ódio que as leva a *matar* o próximo, tudo isso é próprio do carácter dos ingleses cujo espírito e cujo coração encerram sentimentos extremos. Para resolver esta questão, isto é, para saber qual destes dois caracteres é *melhor*, Americano ou Inglês, temos que nos dirigir a uma *terceira pessoa...*"

É evidente para Cobett, como também para Dickens, que a maior parte dos ingleses conserva um carácter oral, apaixonado e inteiro. E Cobett não hesita em fazer notar que a cultura do livro criou o homem novo na América. O homem novo colocou, literalmente, no seu coração a mensagem da imprensa e voltou a vestir "o fato já usado da humildade". Como o rei Lear, despojou-se ao ponto de se tornar conforme ao ideal de Thomas Huxley que, em 1868, escrevia no seu ensaio "*A liberal education*":

"Direi que um homem beneficiou de uma educação liberal quando foi treinado desde a juventude de tal maneira que o seu corpo é o servidor dócil da sua vontade cumprindo com facilidade e prazer todo o trabalho de que a sua constituição mecânica é capaz; quando a sua inteligência é uma máquina lúcida, fria e lógica, em que todas as peças têm igual robustez e se encontram em bom estado de funcionamento, prontas, como uma máquina a vapor, a desempenhar todas as espécies de trabalho...". (pp.171-172)

O carácter portátil do livro, como o da pintura de cavalete, contribuiu imenso para o novo culto do individualismo.

Vamos agora passar a um aspecto físico do livro impresso que contribuiu muito para o desenvolvimento do individualismo. Refiro-me ao seu carácter portátil. Assim como a pintura de cavalete desinstitucionalizou a pintura, assim o livro impresso quebrou o monopólio das bibliotecas. Em *Ancilla to Classical Reading* (p. 7), Moses Hadas refere que:

"o papiro, disposto sob a forma de rolo, permaneceu como suporte normal do livro até ter sido introduzida, principalmente pelos cristãos que queriam ter os Evangelhos num só volume, a forma do codex, e, por consequência, a tela que se presta melhor àquela forma.

E acrescenta:

"O codex, que não é senão o livro moderno, composto de folhas reunidas em cadernos, é manifestamente mais compacto que o rolo... Era possível reduzi-lo ao formato cómodo de uma edição de bolso e esta vantagem é geralmente usada para explicar a adopção da forma do codex pelos cristãos do século IV. No entanto, durante o século terceiro, a grande maioria dos textos pagãos que chegaram até nós têm a forma de rolos, enquanto que a maior parte das obras cristãs têm a forma de codex. O formato mais corrente dos codex era, aproximadamente, o de 7 polegadas por 10."

Como relata Febvre et Martin em *L'Aparition du livre* (p. 126), os livros de oração e os livros de horas de formato de bolso foram provavelmente os mais numerosos de todos os livros impressos nos cento e poucos primeiros anos da história da imprensa:

"No entanto, graças à imprensa e à multiplicação dos textos, o livro deixou de aparecer como um objecto precioso que se consulta numa biblioteca. Cada vez mais se tem necessidade de o poder levar e transportar facilmente para o poder consultar ou ler em qualquer lugar e a toda a hora."

Paralelamente, este desejo, perfeitamente natural, de ter facilmente livros à sua disposição, livros de formato cómodo, foi acompanhado pela aceleração da velocidade de leitura que, ao contrário do que acontecia com os manuscritos, os textos impressos com caracteres móveis tornavam possível. Esta evolução criou públicos e mercados cada vez mais importantes, o que era indispensável ao sucesso da empresa gutenberguiana. Febvre e Martin fazem notar que,

"desde o início, a imprensa apareceu como uma indústria regida pelas mesmas leis que as outras indústrias, e o livro como uma mercadoria que os homens fabricavam antes de mais para ganhar a vida - mesmo quando, como acontecia com os Alde ou os Estienne, os seus autores fossem simultaneamente humanistas e sábios."⁷

Estes autores abordam em seguida questões como a do considerável capital que era necessário à impressão e à edição, o grande número de falências comerciais ou a conquista dos mercados e do aumento das vendas. Mesmo para um observador do século XVI, as tendências perceptíveis na escolha dos livros e nas suas tiragens deixavam prever "o aparecimento de uma civilização de massas e de standardização"⁸. Pouco a pouco, era um novo tipo de sociedade de consumo que se organizava. De toda a produção de livros até ao ano 1500, produção que se pode avaliar em cerca de 15 ou 20 milhões de exemplares de 30.000 ou 35.000 obras diferentes, a maior parte, cerca de setenta por cento, é em latim. Mas, assim como o livro impresso tinha suplantado o manuscrito entre 1500 e 1510, da mesma maneira, as línguas vulgares não iam tardar a fazer desaparecer o latim. Com efeito, é evidente que as línguas nacionais constituem, para o livro impresso, um mercado muito mais vasto que o formado pela elite internacional dos clérigos capazes de ler latim. A produção de livros exigia grandes capitais e não podia sobreviver sem conquistar os maiores mercados possíveis. Para citar Febvre e Martin:

"Assim, no século XVI, época de renascimento da cultura antiga, é também aquela em que o latim começa a perder terreno. Sobretudo a partir de 1530, este movimento torna-se particularmente nítido. O público das livrarias torna-se cada vez mais um público de laicos - com frequência mulheres e burgueses, muitos dos quais não estavam nada familiarizados com a língua latina"⁹. (pp. 206-208)

É apaixonante verificar de que modo, em Cambridge, um século mais tarde, se dá uma profunda acção centralizadora do livro

⁷ *Ibid.*, p. 162.

⁸ *Ibid.*

⁹ *Ibid.*, p. 479.

impresso. Christopher Wordsworth relata-nos a história das estranhas reviravoltas e interações do mundo oral com o mundo escrito no seu "*Scolae academicae: some account of the studies at the English Universities in the Eighteenth Century*" (p. 16):

"Antes de abordar em detalhe a questão dos deveres e dos exames universitários, é necessário tentar destruir a crença moderna segundo a qual o estudo serve para passar nos exames em vez de serem os exames que servem para ajudar o estudo. Na verdade, seria cometer um anacronismo partir da importância e da eficácia que os exames hoje detêm para julgar a importância e a eficiência da educação das gerações passadas.

Em vão procuraríamos algum exame público que justificasse a erudição e a investigação que fizeram a nomeada dos estudantes ingleses do século XVII: a sua aplicação era mais fruto do encorajamento dos seus tutores e amigos do que dos debates nas escolas. Aliás, não havia exames, no sentido que hoje damos a esta palavra. À medida que o preço dos livros diminuía, os estudantes mais brilhantes e mais estudiosos descobriram que podiam informar-se por si próprios, ao contrário das gerações que os tinham precedido que estavam dependentes do ensino oral". Foi então que apareceu a necessidade dos exames e, à medida em que estes eram conduzidos de forma mais científica e que os seus resultados se foram tornando públicos e tonaram de alguma maneira valor de mercadoria, voltou a surgir uma procura do ensino oral"

Wordsworth está a descrever o aparecimento e a generalização dos exames centralizados como resultado do acesso descentralizado ao saber. Com efeito, graças à imprensa, os estudantes podiam ler com facilidade em áreas que os seus examinadores não conheciam. Mas o princípio segundo o qual a vulgarização do livro transportável e em série é responsável pelo aparecimento do exame centralizado e uniforme (substituindo as provas orais) é aplicável a todos os níveis. (pp. 210-211)

No fim do século XVII, houve um considerável aumento de alarme e repulsa com o aumento do número dos livros impressos. As primeiras esperanças de que o livro fosse melhorar de forma significativa os costumes humanos tinham sido desfeitas e, em 1680, Leibniz escrevia:

"Receio que não possamos permanecer por muito tempo na confusão e na miséria actuais por nossa própria culpa. Receio mesmo que, após termos esgotado inutilmente a nossa curiosidade sem que as

nossas investigações tenham acrescentado algo à nossa felicidade, as pessoas se desiludam com as ciências e que um desespero fatal as faça recair na barbárie. O horrível aumento do número dos livros, que continua a crescer, pode contribuir muito para este resultado. Porque, em limite, a desordem tornar-se-á quase inultrapassável: a própria multidão dos autores irá expô-los em breve aos perigos do esquecimento geral: o sonho de glória que anima muitos dos que se dedicam ao estudo vai em breve desaparecer. Será talvez tão vergonhoso ser escritor como dantes foi honroso. Na melhor das hipóteses, podemos distrair-nos com pequenos livros de actualidade, que durarão apenas alguns anos e servirão para, durante breves momentos, arrancar o leitor ao seu tédio mas que foram escritos sem qualquer desejo de fazer avançar a ciência ou merecer os favores da posteridade. Dir-me-ão que há tantas pessoas que escrevem que seria impossível que as suas obras sobrevivessem todas. Admito-o e não desaprovo inteiramente que, tal como as flores de uma primavera ou os frutos de um outono, esses livrinhos da moda não durem mais que um ano. Se são bem feitos, têm o mesmo efeito que uma conversação útil, mais não fazem do que agradar e impedir os ociosos de fazer asneiras. Enquanto tal, ajudam a formar o espírito e a linguagem. Por vezes, têm como finalidade conduzir os seus contemporâneos para o bem, coisa que eu igualmente persigo ao publicar esta pequena obra". (p. 254)

5. A dissolução da Galáxia de Gutenberg

Teoricamente dissolvida em 1905 com a descoberta do espaço curvo, a Galáxia de Gutenberg tinha no entanto sido já invadida pela telegrafia duas gerações antes.

Whittaker constata que o espaço de Newton e Gassendi era, "no que diz respeito à geometria, o espaço de Euclides: infinito, homogéneo, absolutamente uniforme, sendo cada ponto inteiramente semelhante ao outro"¹⁰. Tentámos atrás explicar porque razão esta ficção da homogeneidade e da continuidade uniforme resultou da escrita fonética, especialmente sob forma impressa. Whittaker escreve que, do ponto de vista da física, o espaço newtoniano era "pura vacuidade na expectativa das coisas". Mas, mesmo para Newton, parecia haver incompatibilidade entre o campo de gravitação e o espaço neutro:

¹⁰ Edmund Whittaker, *L' espace et l' Esprit*, Mame, 1952, p. 98

"Na verdade, os sucessores de Newton reconheceram esta dificuldade e, partindo de um espaço que era em si mesmo a pura não entidade sem propriedades excepto uma pura capacidade de ser ocupado, assumiram a tarefa de o preencher, o que fizeram por diversas vezes, com eteres destinados a explicar as forças eléctricas, magnéticas e gravitacionais e a dar conta da propagação da luz"¹¹

Talvez o carácter estritamente visual e uniforme do espaço nunca tenha sido testemunhado de forma mais impressionante que na célebre frase de Pascal: "o silêncio eterno dos espaços infinitos aterroriza-me". Se meditarmos um pouco sobre o que torna tão terrível o silêncio dos espaços, compreendemos com profundidade a revolução cultural que a pressão do livro impresso provocou na consciência sensorial humana.

O absurdo que existe quando se fala do espaço como um continente neutro nunca será motivo de tormento para uma cultura que isolou a consciência visual dos outros sentidos. No entanto, escreve Whittaker:

"na concepção de Einstein, o espaço já não é a cena na qual se representa o drama da física; é um dos seus actores porque a gravitação, que é uma propriedade física, é inteiramente controlada pela curvatura, que é uma propriedade geométrica do espaço."¹²

Com a descoberta do espaço curvo, em 1905, a Galáxia de Gutenberg ficou oficialmente dissolvida. Com o fim das especialidades lineares e dos pontos de vista determinados, a compartimentação do conhecimento tornou-se tão inaceitável quanto sempre havia sido irrelevante. Mas esta forma fragmentária de pensar teve por efeito compartimentar a ciência e fazer dela uma coisa desprovida de toda a influência sobre o olhar e sobre o pensamento ou apenas com influência indirecta, por intermédio das suas aplicações. No decurso dos últimos anos, esta atitude isolacionista tem vindo a enfraquecer. O que nos esforçámos por explicar ao longo deste livro é que a segmentação do

¹¹ *Ibid.*, pp. 98-99.

¹² *Ibid.*, p. 100

saber é uma ilusão provocada pelo isolamento do sentido da vista resultante do alfabeto e da tipografia. Nunca será demais repeti-lo. Essa ilusão pode ter sido positiva ou não. O que é certo é que o desconhecimento das causas e dos efeitos da nossa tecnologia não pode levar senão à catástrofe. (pp. 253-254)

Utilizámos já esta passagem extremamente luminosa da obra de A.N. Whitehead, "*Science and Modern World*" (p. 141):

A maior invenção do século XIX foi "a invenção do método de invenção". Um novo método fez o seu aparecimento à luz do dia. Para compreendermos a nossa época, podemos negligenciar os detalhes relativos às mudanças, tais como o caminhos de ferro, o telégrafo, a TSF, as máquinas de costura, as cores sintéticas. Mas não podemos deixar de concentrar a nossa atenção sobre o próprio método; é aí que reside a novidade que alterou completamente as fundações da velha civilização... A profecia de Francis Bacon está realizada. O homem que, em certos momentos, se julgava apenas um pouco inferior aos anjos, submeteu-se tornando-se o servidor e o ministro da natureza. Resta ainda saber se um memo actor poderá desempenhar os dois papéis."

Whitehead tem razão em dizer que "devemos concentrar a nossa atenção sobre o método em si". Foi o método gutenberguiano da segmentação homogênea, por intermédio do qual vários séculos de alfabetismo fonético prepararam o terreno psíquico, que desenhou os traços do mundo moderno. A vasta galáxia de acontecimentos e produtos deste método de mecanização das tarefas é resultante do próprio método. É o método do ponto de vista fixo, ou especializado, que toma a repetição como pedra de toque da verdade e do sentido prático. Hoje, a nossa ciência e o nosso método já não tendem para um ponto de vista, antes se esforçam por descobrir como é possível não ter ponto de vista: não se trata do fechamento ou da limitação da perspectiva mas antes de "campo" aberto e de suspensão do juízo. De agora em diante, só este método é válido face às condições de movimento simultâneo da informação e de interdependência humana total criadas pela electricidade. (p.276)

O século XX esforçou-se, logicamente, por se libertar das condições de passividade, quer dizer, da própria herança de Gutenberg. E essa luta dramática entre diferentes modos de penetração e perspectivação humanos deu origem à maior época da história da humanidade, quer nas artes, quer na ciência. Vivemos agora uma época ainda mais rica e mais terrível que o "momento shakespeariano" que Patrick Crutwell tão bem descreveu no livro do mesmo nome.

Na *Galáxia de Gutenberg* tratámos da tecnologia mecânica que surgiu do alfabeto e da imprensa. Quais serão as novas configurações dos maquinismos e da alfabetização no momento em que as antigas formas da percepção e do juízo forem interpenetradas pela nova era eletrónica? A nova galáxia elétrica de acontecimentos já penetrou profundamente na galáxia Gutenberg. Mesmo sem colisão, esta coexistência de tecnologias e de consciência traumatiza todas as pessoas vivas e submete-as a uma tensão. As atitudes mais vulgares e normais parecem subitamente deformadas, como máscaras grotescas. As instituições e associações mais familiares parecem ameaçadoras e maldosas. Mas, estas inúmeras transformações, consequência normal da introdução dos novos media na nossa sociedade qualquer que ela seja, serão objecto de estudo de um outro livro. (pp. 278-279)

(Tradução de Olga Pombo)